

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**GABRIEL DE AMORIM LEITE**

**GRAVES COMO CONVÉM A UM DEUS E A UM POETA**

Lírica e Realismo em Alberto Caeiro

Brasília, DF

2016

GABRIEL DE AMORIM LEITE

**GRAVES COMO CONVÉM A UM DEUS E A UM POETA**

Lírica e Realismo em Alberto Caeiro

Artigo final, apresentado ao Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como parte das exigências para a obtenção do Título de Licenciatura em Língua Portuguesa

Brasília, 26 de maio de 2016.

Orientadora: Ana Laura dos Reis Corrêa

*A Criança Nova que habita onde vivo  
Dá-me uma mão a mim  
E a outra a tudo que existe  
E assim vamos os três pelo caminho que houver,  
Saltando e cantando e rindo  
E gozando o nosso segredo comum  
Que é o de saber por toda a parte  
Que não há mistério no mundo  
E que tudo vale a pena.  
(CAEIRO, Alberto)*

Em uma carta datilografada no dia 13 de janeiro de 1935, Fernando Pessoa tentava explicar ao camarada e também poeta Adolfo Casais Monteiro como se deu a gênese de seus heterônimos. Tanto a causa psiquiátrica – “a origem dos meus heterônimos é o fundo traço de histeria que existe em mim” – quanto a tendência à simulação e despersonalização são aludidas por Pessoa como possíveis estopins para o fenômeno de desdobramento poético que se seguiu.

A carta foi uma das únicas pistas deixadas pelo autor sobre o nascimento de Alberto Caeiro, um dos seus três heterônimos mais célebres: um pastor solitário e recluso, que vivia no campo.

(...) Lembrei-me um dia de fazer uma partida ao Sá-Carneiro – de inventar um poeta bucólico, de espécie complicada, e apresentar-lho, já me não lembro como, em qualquer espécie de realidade. Levei uns dias a elaborar o poeta mas nada consegui. Num dia em que finalmente desistira – foi em 8 de Março de 1914 – acerquei-me de uma cômoda alta e, tomando um papel, comecei a escrever de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir. Foi o dia triunfal da minha vida e nunca poderei ter outro assim. Abri com um título, O Guardador de Rebanhos. E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome de Alberto Caeiro. Desculpe-me o absurdo da frase: aparecera em mim o meu mestre.

(Carta a Adolfo Casais Monteiro)

O trabalho quase místico de elaboração artística de Fernando Pessoa gerou um autor que se gabava de possuir o materialismo espontâneo, fruto dos sentidos e não da racionalização – “pensar em Deus é desobedecer a Deus” (CAEIRO, Alberto) – e uma filosofia simples, que negava toda e qualquer reflexão em benefício dos sentidos. Ver, para Caeiro, era a única forma de pensar. Pensar seria deixar de ver.

Ao longo dos poemas de O Guardador de Rebanhos, ele constrói o cenário de onde escreve seus versos. Como único poeta da Natureza, Alberto Caeiro vive cercado dela, numa casa no cimo de um outeiro. De lá, olha para seu rebanho e vê suas ideias – ou olha para suas ideias e vê o seu rebanho (poema I – Eu Nunca Guardei Rebanhos). – A imagem poética dessa casa fincada no alto de um monte sugere o distanciamento e solidão evocados pela lírica de Caeiro e sua autoconsciência inversa, sempre manifestada em forma de inconsciência. Aqui, a construção imagética, relaciona-se com a própria lírica, já que ambas têm por propriedades a recusa à funcionalidade e a resistência à sistematização da vida. Para Caeiro, o real estava na simplicidade:

Creio no mundo como num malmequer,  
 Porque o vejo. Mas não penso nele  
 Porque pensar é não compreender...

O Mundo não se faz para pensarmos nele  
 (Pensar é estar doente dos olhos)  
 Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo...

Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...  
 Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é,  
 Mas porque a amo, e amo-a por isso,  
 Porque quem ama nunca sabe o que ama  
 Nem sabe por que ama, nem o que é amar...  
 Amar é a eterna inocência,  
 E a única inocência não pensar...

(CAEIRO, Alberto; *Poesia completa de Alberto Caeiro*. Nostrum Editora, 2012)

Como prova a carta escrita por Pessoa, tanto a personalidade de Alberto Caeiro, quanto seus poemas, foram pensados... premeditados. A tentativa do poeta bucólico de se abster do pensamento é, a princípio, vã; porém, o que a leitura de *O Guardador de Rebanhos*, *O Pastor Amoroso* ou dos *Poemas Inconjuntos* provoca não pode, de forma alguma, ser ignorado. Estaríamos falando de uma grande arte?

Para o filósofo húngaro Lukács, toda grande arte é realista, isto é, ela precisa evidenciar as tensões que existem entre o universal e o particular, dando a ver aquela verdade humana tão rara de se apreender e suas contradições. Se a obra de Alberto Caeiro é grande arte, ela também deve permitir este vislumbre. É claro que não podemos deixar de lado as características estéticas de cada gênero literário, adaptando o conceito objetivo de realismo ao subjetivismo misterioso da lírica (o que comentaremos adiante).

Por seu caráter hermético e particular, o poema exige do leitor um esforço constante para apreender e decodificar o texto literário. Dele, se exige uma criação tão complexa quanto a do próprio poeta, já que, munido de símbolos, ritmo e sonoridade, cabe ao leitor recriar o individualismo de outrem que está contido no poema. Tal relação de diálogo e identificação entre duas individualidades só é possível através do caráter “universal” que as conecta. Como ensinou Adorno em sua *Palestra Sobre Lírica e Sociedade*, “a composição lírica tem esperança de extrair, da mais restrita individuação, o universal” (ADORNO, Theodor W). E

isso se faz, primeiro, através da elaboração estética e, depois, por meio das marcas históricas que, inevitavelmente, o poeta acaba injetando em seu texto.

Ao questionar o realismo na obra de Fernando Pessoa, o filósofo Leandro Konder prevê a dificuldade de encaixá-lo na mesma categoria em que se encontram Balzac ou Tolstói. É claro que estamos falando de diferentes realismos; e o de Pessoa não é, de forma alguma, o revolucionário-socialista. O conceito clássico sofre na obra do poeta uma modernização, ou atualização, para contemplar um outro tipo de crise: a crise do pensamento individualista:

Qual poderia ser considerada a essência da realidade na poesia de Fernando Pessoa? Uma resposta possível a essa pergunta seria a de que o poeta percebe em toda a sua extensão, em toda a sua profundidade, a crise do pensamento individualista-rebelde, hegemônico entre os intelectuais ocidentais. (Leandro Konder, Realismo em Fernando Pessoa?)

Outra resposta possível está na leitura do oitavo poema de O Guardador de Rebanhos, introduzido pelo verso “Num Meio-Dia de Fim de Primavera”. Nele, Caeiro descreve um sonho em que Cristo se faz eternamente menino, desce do céu e vai morar com o poeta em sua casa a meio do outeiro. O poema se destaca do restante da coletânea não só pelo seu estilo prosaico, diferente de toda a produção caeriana, mas também pela sua temática religiosa, paradoxalmente inversa à filosofia (não-filosofia) do autor.

Ao trazer Cristo de volta à Terra e fazer com que ele viva ao lado de um artista, Caeiro materializa uma troca de experiências que coloca o divino e o humano no mesmo degrau. Para isso, ele se vale tanto da dessacralização do texto bíblico, humanizando a figura de Cristo ao longo do poema, quanto da sacralização do texto literário, no sentido em que eleva a importância do fazer poético, refletindo-o como um acordo íntimo entre o humano e o divino.

A seguir faremos uma leitura deste oitavo poema de O Guardador de Rebanhos, considerando duas diferentes perspectivas: a do deus, que, por meio de um artifício poético, se faz eternamente humano, criança, e desce à Terra; e a do poeta, que se deixa conhecer através do texto e nos insere em sua realidade, ainda que onírica. O fazer poético emerge no poema, como a relação natural entre o poeta e o menino e, nesta leitura, como a chave para o realismo presente na obra de Caeiro.

Se a lírica exige de seu leitor uma recriação constante daquilo que lê, conclui-se que não seria possível alcançar o realismo na poesia sem se fazer um tanto poeta. Para Caeiro, a sensibilidade com que ele enxergava o mundo era o que lhe fazia ser poeta sempre. Ou, em outras palavras:

E a criança tão humana que é divina

É esta minha vida quotidiana de poeta,  
 E é porque ele anda sempre comigo que eu sou poeta sempre,  
 E que o meu mínimo olhar  
 Me enche de sensação,  
 E o mais pequeno som, seja do que for,  
 Parece falar comigo.  
 (Caeiro, Poema 8)

## O Deus

Na primeira estrofe de “Num Meio-Dia de Fim de Primavera”, o eu-lírico introduz a narrativa de um sonho, “nítido como uma fotografia” (CAEIRO, Alberto), em que o poeta vê Jesus Cristo descer à terra “...pela encosta de um monte / tornado outra vez menino” (idem). Trata-se de um caminho inverso àquele registrado no Novo Testamento, quando o Messias sobe aos céus, após ser crucificado.

9. E quando dizia isto, vendo-o eles, foi elevado às alturas, e uma nuvem o recebeu, ocultando-o a seus olhos.  
 10. E estando com os olhos fitos no céu, enquanto ele subia, eis que junto deles se puseram dois homens vestidos de branco.  
 11. Os quais lhes disseram: Homens galileus, por que estais olhando para o céu? Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima do céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir.

(A BÍBLIA SAGRADA; Atos dos Apóstolos 1:9-11, tradução de João Ferreira de Almeida, 2007)

Pode-se dizer que a profecia contida em Atos dos Apóstolos, de certa forma, só veio a se concretizar em 1914, por meio do poema de Alberto Caeiro. A descida de Cristo é oposta à ascensão do mesmo, e não apenas por seu sentido físico – o Cristo bíblico sai da terra em direção ao céu, a fim de se elevar sagrado, enquanto o de Caeiro desce dos céus rumo à terra, a fim de se humanizar. Ambos os caminhos se dão pela encosta de um monte. Na Bíblia está registrado que Jesus foi crucificado no alto de uma colina, posteriormente chamada de Gólgota ou Calvário. Subiu até lá com uma cruz nas costas e uma coroa de espinhos na cabeça, enquanto cuspiam nele e lhe davam chibatadas. No poema, o menino desce “a correr e a rolar-se pela erva / e a arrancar flores para as deitar fora / e a rir de modo a ouvir-se de longe” (CAEIRO, Alberto). A diferença entre os dois caminhos deixa claro, já na primeira estrofe do poema, qual é o tipo de Cristo que Caeiro quer louvar.

O pastor não acreditava em Deus, já que a crença em um ser perfeito e superior iria de encontro à simplicidade sensorial com que ele encarava a realidade. No quinto poema de *O Guardador de Rebanhos*, aquele introduzido pelo verso “Há metafísica bastante em não pensar em cada”, o poeta tenta explicar o que pensa do mundo e de seus mistérios. Chega à conclusão de que o único mistério é haver quem pense no mistério. Caeiro apresenta, nesse oitavo poema, muitas das contradições que tornam sua obra tão intelectualmente desafiadora e fecunda. Ele é “um abstrato que só trata das coisas concretas, um ingênuo e simples que não pensa senão complexamente, um poeta da natureza, que o é do espírito, um poeta espontâneo cuja espontaneidade é o produto de uma reflexão profunda” (FERRARI, Patricio).

O único sentido íntimo das cousas  
 É elas não terem sentido íntimo nenhum.  
 Não acredito em Deus porque nunca o vi.  
 Se ele quisesse que eu acreditasse nele,  
 Sem dúvida que viria falar comigo  
 E entraria pela minha porta dentro  
 Dizendo-me, Aqui estou!  
 (...)
 Mas se Deus é as flores e as árvores  
 E os montes e sol e o luar,  
 Então acredito nele,  
 Então acredito nele a toda hora,  
 E a minha vida é toda uma oração e uma missa,  
 E uma comunhão com os olhos e pelos ouvidos.  
 (CAEIRO, Alberto; *Poesia completa de Alberto Caeiro*. Nostrum Editora, 2012)

O menino Jesus representado no canto VIII é o oposto de sagrado, não no sentido profano, mas porque é humano. Ele apedreja animais, furta o pomar alheio e ergue as saias das damas, mas também gosta das flores, desliza nas poças d’água e foge, a chorar, dos cães. “Era nosso demais para fingir de segunda pessoa da Trindade” (CAEIRO, Alberto) e talvez, por isso, ele tenha esperado o momento em que “Deus estava a dormir e o Espírito Santo andava a voar” (idem) para ir à caixa dos milagres e roubar três. Mais uma vez a narrativa do poema entrega uma antítese às convenções religiosas. Se a comprovação de ao menos um milagre é condição para que a Igreja Católica canonize um homem, tornando-o santo, foi preciso que o Cristo de Caeiro roubasse três para se fazer humano.

Com o primeiro milagre, ele ocultou sua fuga; com o segundo, se fez eternamente criança e humano; com o terceiro, forjou a imagem de um Cristo eternamente na cruz. “No



céu era tudo falso / tudo em desacordo com flores e árvores e pedras” (CAEIRO, Alberto), e talvez por isso o menino Jesus tenha decidido abandonar sua divindade. Não era a única razão, como se pode ver nos seguintes versos:

O seu pai era duas pessoas  
 Um velho chamado José, que era um carpinteiro,  
 E que não era pai dele;  
 E o outro pai era uma pomba estúpida,  
 A única pomba feia do mundo  
 Porque não era do mundo nem era pomba  
 E a sua mãe não tinha amado antes de o ter.  
 Não era mulher: era uma mala  
 Em que ele tinha vindo do céu.  
 E queriam que ele, que só nascera da mãe,  
 E nunca tivera pai para amar com respeito,  
 Pregasse a bondade e a justiça!  
 (CAEIRO, Alberto; Poesia completa de Alberto Caeiro. Nostrum Editora, 2012)

O Cristo católico, enquanto santo, jamais conseguiria pregar a bondade e a justiça; não só por não ter tido pai para amar com respeito, mas porque lhe faltava a humanidade e inocência que somente uma criança de riso natural seria capaz de ter. Por isso ele volta como um menino e não como um homem de 33 anos.

O convívio desse menino com o poeta se faz na troca. O primeiro vem do céu, trazendo informações preciosas sobre o Espírito Santo (uma pomba estúpida), Deus (um velho estúpido e doente) e Virgem Maria (uma mala); o segundo está na terra e apresenta ao menino as guerras, invenções, maravilhas e horrores que a raça humana tem produzido.

Neste ponto, o poema flerta com a blasfêmia, ao descrever, pela boca do menino Jesus, cenas banais e grotescas envolvendo personagens sagrados:

Diz-me muito mal de Deus.  
 Diz que ele é um velho estúpido e doente,  
 Sempre a escarrar no chão e a dizer indecências.  
 A Virgem Maria leva as tardes da eternidade a fazer meia.  
 E o Espírito Santo coça-se com o bico  
 E empoleira-se nas cadeiras e suja-as.  
 Tudo no céu é estúpido como a Igreja Católica.  
 Diz-me que Deus não percebe nada  
 Das coisas que criou –  
 “Se é que ele as criou, do que duvido” –

(CAEIRO, Alberto; Poesia completa de Alberto Caeiro. Nostrum Editora, 2012)

Os adjetivos (estúpido, doente) e verbos (escarrar, sujar-se) selecionados pelo menino Jesus para descrever o céu indicam não só uma mágoa com a tradição católica, mas também certo horror ao cenário cristão que povoa a mente dos crentes. Por parte do poeta, pode-se entender que a igreja, como organização, não significa qualquer tipo de “intimidade” com Deus. A organização, como estrutura complicadora para se alcançar o contato espiritual, é refutada pela espontaneidade da obra de Caeiro.

Em “O Sagrado e o Profano em Alberto Caeiro”, Isaac Ramos afirma que “não é o inverso da história bíblica que Caeiro busca e sim o avesso do imagético pré-concebido. (...) se trata de um trabalho de desconstrução de arquétipos poéticos” (RAMOS, Isaac N. Almeida, S.I.: s.n.). Daí o empenho do autor em vulgarizar o intocável. Como é a relação do eu-lírico com o menino Jesus que lhe oferece a sensibilidade necessária para ser poeta, naturalmente a figura criada por Caeiro para representar essa habilidade deveria, ao contrário do imaginário religioso, estar o mais próximo possível daquilo que é humano. Se da arte se pode extrair uma consciência histórica imprescindível para a evolução da espécie humana, não seria possível que sua representação viesse maculada pela burocracia da religião.

## O Poeta

Ao longo do convívio que se dá entre o menino Jesus e o eu-lírico, ambos esforçam-se por conhecer o ambiente do outro. Um fala sobre as coisas do céu, o outro sobre as coisas do mundo; e é nítida a inversão dos valores preestabelecidos pela sociedade religiosa, assim como o fascínio pelos assuntos dos homens. Tudo o que há no céu, segundo o próprio menino Jesus, “é estúpido como a Igreja Católica”, já as coisas do mundo são descritas pelo poeta com inegável encanto e beleza.

Depois eu conto-lhe histórias das cousas só dos homens  
E ele sorri, porque tudo é incrível.  
Ri dos reis e dos que não são reis,  
E tem pena de ouvir falar das guerras,  
E dos comércios, e dos navios  
Que ficam fumo no ar dos altos-mares.  
Porque ele sabe que tudo isso falta àquela verdade  
Que uma flor tem ao florescer  
E que anda com a luz do sol

A variar os montes e os vales  
 E a fazer doer nos olhos os muros caiados.  
 (CAEIRO, Alberto; Poesia completa de Alberto Caeiro. Nostrum Editora,  
 2012)

A intimidade do menino Jesus com o eu-lírico é o principal recurso utilizado pelo poeta para elevar o texto literário – e aproximá-lo de um texto dito sagrado. Os dois vivem juntos uma vida que não se diferencia muito do quotidiano simples, e voltado à observação, aludido em outros textos de Alberto Caeiro. Está na relação do eu-lírico com o poeta a preocupação com o olhar e a necessidade de conhecer os elementos mais simples da natureza (flores, pedras, rios) sem que seja necessário analisá-los.

A mim ensinou-me tudo.  
 Ensinou-me a olhar para as cousas.  
 Aponta-me todas as cousas que há nas flores.  
 Mostra-me como as pedras são engraçadas  
 Quando a gente as tem na mão  
 E olha devagar para elas.  
 (idem)

Esse tipo de preocupação se encaixa em uma corrente filosófica geralmente associada à obra de Fernando Pessoa: o sensacionismo. Ela postula que não há nada além das sensações humanas e que a única realidade possível é a consciência destas sensações. Alberto Caeiro talvez seja o maior representante do sensacionismo de Pessoa e no Canto VIII é o menino Jesus quem guia seu olhar. Isso, não porque ele é um deus, mas porque é uma criança que desconhece os mistérios do mundo.

Tomando-se a classificação fenomenológica realizada por Pierce em 1867, pode-se dividir a análise de determinado fenômeno em três categorias universais: primeiridade, secundidade e terceiridade. O Cristo de Caeiro e, conseqüentemente, o sensacionismo de Pessoa se encaixam com perfeição na primeira destas categorias.

Trata-se da imediata percepção das coisas, através da sua qualidade, num átimo de tempo que se impossibilita o engendramento de qualquer arcabouço mental para identificá-las; que essa manifestação cognitiva se dá – e isso acontece automaticamente após o momento inicial de percepção – o tempo presente que gerou essa atividade cognitiva não mais existe, o que há é um outro tempo com todas as transformações que implicam essa mudança de presente.

(TEORIAS E CRÍTICAS LITERÁRIAS; in <http://www.tcl-uepb.blogger.com.br>, acessado em 04/06/2016)

Por isso era necessário que Cristo voltasse como uma criança nova e humana: para oferecer este olhar primeiro, tão caro à obra de Caeiro, sem qualquer contaminação teórica ou pragmática. O “sensacionismo cristão”, apresentado pelo oitavo poema de *O Guardador de Rebanhos*, é este caminho inverso feito pelo filho de Deus. Sua descida do monte, sua humanização e, principalmente, seu contato com um pastor humilde, solitário e quase sem instrução.

Como personagem de uma vasta heteronímia, Alberto Caeiro deve ser estudado como criador e também como criatura. Nesta leitura, preferi concentrar-me em sua face criadora, já que é nela que o poema realiza seu diálogo mais eficiente com o realismo. Se analisado como criatura dentre outras, da obra de Fernando Pessoa, muitas questões de complexidade artística ou metafísica se desdobrariam e, possivelmente, perderíamos de vista a obra de Alberto Caeiro. Resta-nos apenas um trecho, outro da correspondência de Pessoa a Adolfo Casais Monteiro, para acalmar as dúvidas.

Creio na existência de mundos superiores ao nosso e de habitantes desses mundos, em experiências de diversos graus de espiritualidade, subtilizando até chegar a um Ente Supremo, que presumivelmente criou este mundo. Pode ser que haja outros Entes, igualmente Supremos, que hajam criado outros universos, e que esses universos coexistam com o nosso, interpenetradamente ou não. (...)

(Carta a Adolfo Casais Monteiro)

Para Caeiro, entretanto, “só a natureza é divina, e ela não é divina...”. O poeta, apresentado por Ricardo Reis nas *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação* de Fernando Pessoa, nasceu em abril de 1889, em Lisboa, e lá também morreu, em 1915. Apesar disso, viveu toda sua vida em uma “quinta do Ribatejo”, provavelmente o cenário evocado em sua obra poética - uma casa em cima do outeiro, onde escreveu dois livros de poemas: *O Guardador de Rebanhos* e *O Pastor Amoroso*, além da coletânea *Poemas Inconjuntos*.

A obra de Caeiro representa a reconstrução integral do paganismo, na sua essência absoluta, tal como nem os gregos nem os romanos, que viveram nele e por isso o não pensaram, o puderam fazer. A obra, porém, e o seu paganismo, não foram nem pensados nem até sentidos: foram vindos com o que quer que seja que é em nós mais profundo que o sentimento ou a razão. Dizer mais fora explicar, o que de nada serve; afirmar menos fora mentir. Toda obra fala por si, com a voz que lhe é própria, e naquela linguagem em que se forma na mente, quem não entende não pode entender, e não há pois que explicar-lhe. É como fazer compreender a alguém um idioma que ele não fala.

(PESSOA, Fernando, p. 329)

Descrito por Ricardo Reis como “ignorante da vida e quase ignorante das letras”, surpreende que Fernando Pessoa tenha escolhido justamente esse heterônimo para chamar de mestre. Mais surpreendente ainda é a profundidade do raciocínio que, na obra de Caeiro, soa como poema de criança. Talvez por sua recusa ao pensamento – ainda que uma recusa invertida – e isolamento físico, a vida de Alberto Caeiro seja impossível de se narrar, “pois não há nela de que narrar. Seus poemas são o que houve nele de vida” (REIS, Ricardo).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA. Português. *A Bíblia Sagrada; tradução de João Ferreira de Almeida*. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2007.

PESSOA, Fernando. *Poesia completa de Alberto Caeiro*. Nostrum Editora, 2012.

PESSOA, Fernando. *Antologia Poética: Fernando Pessoa; organização de Jane Tutikian*. Porto Alegre, RS: L&PM POCKET, 2012.

PESSOA, Fernando. *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*; organização de Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática, 1996.

FORCONI, Daniela; DO VALE, Fernanda; DELMIRO, Ísis. *Deus e natureza: o panteísmo em Florbela Espanca e em Alberto Caeiro*. Pernambuco: Ao Pé da Letra, 2011.

RAMOS, Isaac Newton Almeida. *O Sagrado e o Profano em Alberto Caeiro*. [S.I.: s.n.]

ARAÚJO, Maria Cláudia. *Um olhar sem fronteiras sobre o cristianismo e o paganismo na obra de Fernando Pessoa*. Bauru: Revista de Humanidades, Tecnologia e Cultura.

CONDER, Leandro. *Realismo em Fernando Pessoa?* em Para Ler Poesia. [S.I.: s.n.]

RICARDO REIS SOBRE CAEIRO. Disponível em <<http://arquivopessoa.net/textos/3072>>  
Acesso em: mar. 2016.